

O NEOLOGISMO LEXICAL EM CANÇÕES DE GILBERTO GIL

Fabiana Vieira Barbosa (UFRPE/UAST/CAPES);

E-mail: fabiana_vivy@hotmail.com.

Ivanilson José da Silva (UFRPE/UAST/CAPES);

E-mail: ivanilsons@live.com.

1. Introdução

Antes de nos aprofundarmos sobre o tema a ser trabalhado, convém que façamos uma breve reflexão acerca da evolução das línguas. Para isso, faz-se necessário admitirmos a mudança como um fator natural de qualquer língua, como esclarece Martelotta:

A mudança é um fator inerente às línguas naturais, que se desenvolveram para veicular a comunicação entre os seres humanos. [...] Como essas concepções se estabelecem culturalmente, com os humanos interagindo entre si e cristalizando formas de significar a realidade, é na própria interação que essas concepções se alteram, motivando as mudanças estruturais que as línguas sofrem com o passar do tempo. (MARTELOTTA, 2011, p. 122).

É fato que as línguas mudam. Essas mudanças ocorrem durante todo um percurso histórico de um povo, para tanto são necessárias décadas e muitas vezes séculos de modo que sejam percebidas numa dada língua. Assumindo uma postura linguística embasados na teoria sociofuncionalista, que admite o caráter social e interativo da língua, podemos afirmar que no processo de mudança linguística existem vários fatores envolvidos, tais como, questões históricas, sociais, políticas, entre outras, sendo o ser humano o único da espécie animal com a capacidade cognitiva do uso de um sistema linguístico, o que o diferencia dos demais, ele sente a necessidade de nomear e renomear objetos, seres etc.

A mudança linguística acontece também através do fenômeno chamado *neologismo* que, de acordo com Alves (2007), se subdivide em quatro tipos: *neologismo fonológico*, *neologismo sintático*, *neologismo semântico* e *neologismo por empréstimo*. Aqui nos deteremos ao *neologismo sintático*, que trata da criação lexical, a partir da premissa de que as palavras sofrem alterações na sua forma escrita.

A partir da observação de muitas palavras novas em algumas canções do cantor e compositor brasileiro Gilberto Gil, nosso objetivo vem da curiosidade em saber como se dava alguns desses processos de formação neológica. Para isso, o *corpus* do trabalho foi composto a partir de formações neológicas em nove canções de seu repertório, sendo seis de sua autoria e três de sua autoria em conjunto com Capinan. Após a seleção de algumas palavras buscamos classificá-las seguindo regras estabelecidas pela gramática tradicional e identificando o tipo de formação neológica.

O trabalho está organizado em introdução, já apresentada; desenvolvimento, com reflexões teóricas sobre o fenômeno, metodologia utilizada e apresentação e análise dos dados; conclusões, com algumas considerações finais e referências.

2. Neologismo

Voltando-se para a origem da palavra *neologismo* sua função se explicaria através de sua estrutura, já que de acordo com publicação no site da Revista Nova Escola (In:<<http://revistaescola.abril.com.br/>>; 06 abr.13), “‘neo’, prefixo grego que significa ‘novo’,

une-se a *'logo'*, do grego *'logos'*, que exprime a ideia de palavra, e o *'ismo'*, sufixo também grego (*ismos*), que forma substantivos”.

2.1. O neologismo na música

Há vários motivos para a criação de novas palavras na música, inclusive questões políticas e sociais, como a censura que vigorou na Ditadura Militar no Brasil, onde vários artistas encontraram na música subterfúgio para expressar sua arte e sua opinião perante o que estava acontecendo na sociedade e tratando nela os assuntos que não eram permitidos pelo governo militar (cf. BRYAN, 2010, p. 22-25). Na música de Gilberto Gil, que começou a ter destaque nesse cenário no movimento Tropicalista, na época da Ditadura Militar, não foi diferente, com suas músicas altamente politizadas, revolucionárias e engajadas que iam contra o governo militar, razão pela qual foi perseguido, Gil usa do neologismo para expor o que acontecia na sociedade vigente.

2.2. Reflexões teóricas

Apresentamos a seguir algumas reflexões acerca do neologismo, segundo a concepção de alguns estudiosos.

Para Castilho,

Na lexicalização por neologia, criamos uma nova palavra, não herdada da língua-fonte, porém organizada de acordo com as regras morfológicas da língua-alvo. É o caso de *coisar*, um verbo-*omnibus*, calcado num substantivo igualmente amplo, *coisa*. (CASTILHO, 2010, p. 113).

Já Bechara destaca que

Os neologismos [...] penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante a utilização [...] dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua. [...] Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar. (BECHARA, 2006, p. 351).

Em Castilho, “língua-fonte” refere-se à língua de origem da palavra, e não ao idioma que o vocábulo faz parte atualmente, sendo assim, a maioria dos neologismos seriam criados a partir de palavras em uso. É possível entender que em ambas as gramáticas o fenômeno é tratado de forma muito parecida.

Desde sempre todas as línguas vivas passaram e passam por transformações, assim muitas palavras usadas em um determinado momento histórico acabam caindo em desuso e desaparecendo do sistema linguístico. Mas não para por aí, a capacidade dinâmica das línguas e o uso interativo de seus falantes, fazem com que algumas palavras já existentes ganhem novos sentidos – passando por um processo chamado *gramaticalização*, que não abordaremos aqui – e outras surjam através da junção de vocábulos pré-existentes ou do contato com outras línguas.

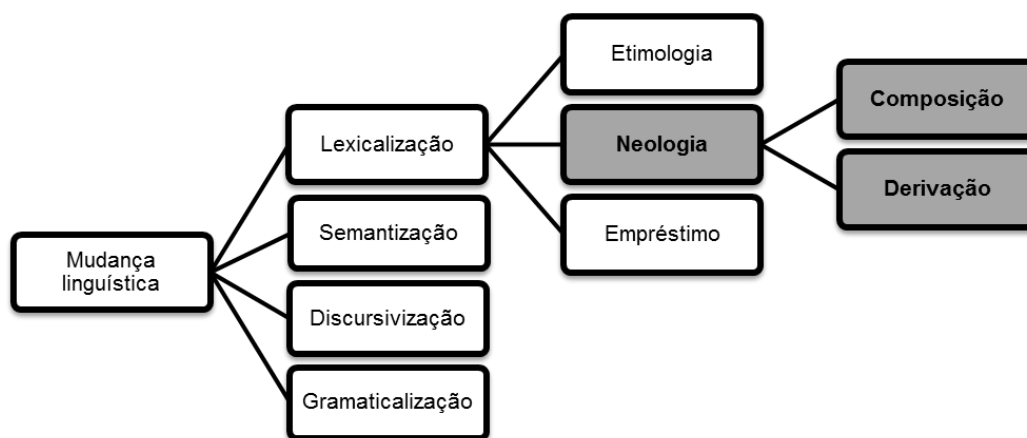
Embora existam críticas com relação à criação de neologismos, é inegável que eles desempenham um papel de fundamental importância numa língua, uma vez que a ampliação do léxico acontece através desse fenômeno. Referindo-se a isso poderíamos retomar ao período da Antiguidade Clássica onde Horácio na “*Arte Poética*” indaga: “Por que haveria eu de ser repreendido por acrescentar algumas palavras ao vocabulário, se a linguagem de Catão e de Ênio enriqueceu o nosso idioma pátrio com a introdução de novos termos?” (HORÁCIO, 2005, p. 56). Nesse contexto, Horácio referia-se a criação de novas palavras, o que hoje entendemos por neologismo.

Na área da literatura contemporânea tem como destaque na criação neológica o escritor João Guimarães Rosa, que além da sua genialidade na escrita literária era conhecido pela criatividade linguística com a capacidade de sempre inventar novas palavras para nomear as coisas que compunham seu universo literário. É tanto que foi criado um dicionário específico para os neologismos em suas obras.

A formação de palavras por neologismo lexical está dividida entre *derivação* e *composição*¹. Bechara (2006, p. 351), com um olhar sobre o processo de criação de novos vocábulos, esclarece que dos “[...] procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.” Assim, no português, é mais comum a criação de palavras por esses dois processos.

Com base em Castilho (2010), para melhor compreendermos o fenômeno montamos, a seguir, um diagrama contendo as categorias linguísticas abordadas:

Figura 1: Diagrama de categorias linguísticas, com destaque em cinza para as categorias trabalhadas



A *composição* dá-se pela junção de dois vocábulos formais, independentes, esse processo pode ocorrer por: *aglutinação*, quando há perda de material fonológico e *justaposição*, quando conserva integralmente todas as partes, que em alguns casos vêm apenas separada por hífen. Já a *derivação* pode ser caracterizada em sete classes: *regressiva*, *abreviação*, *sufixação*, *prefixação*, *parassintética*, *prefixação e sufixação* e *imprópria*. Resumindo, a derivação sempre ocorrerá pela união de bases com um afixos e na maioria dos casos ocorrerá mudança na classe gramatical. (cf. Basílio, 2005).

¹ É importante ressaltar que *derivação* e *composição* não são os únicos processos de formação de palavras, ainda existem *oniônimos*, os *acrônimos* e as *amalgamas*, porém eles não têm tanto uso quanto derivação e composição.

2.3. Apresentação e análise do *corpus*

O *corpus* do trabalho foi submetido a uma minuciosa pesquisa de verbetes presentes ou não nas seguintes obras de referência:

- Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa que apresenta 228 mil verbetes e 308 mil acepções, e está disponível em: <http://200.241.192.6/cgi-bin/houaissnetb.dll/frame>; e o
- Novo Aurélio da Língua Portuguesa (2004), com sua publicação na 3ª edição, revisada, com um total de 435 mil verbetes, definições, locuções e acepções.

Os dicionários apresentados acima foram escolhidos pela sua contemporaneidade no mercado editorial brasileiro e credibilidade neles empregados pela comunidade acadêmica.

A nossa análise levará em consideração a interpretação de dez casos de neologismos encontrados em nove canções do músico Gilberto Gil. Devemos considerar que a maioria delas foram compostas durante o período da Ditadura Militar (1964-1985) e do movimento Tropicalista (1967 – início), do qual Gil fez parte, movimento este que tinha como principal objetivo utilizar a música como “arma” de combate político à ditadura militar.

As tabelas a seguir são compostas de: (1) abreviações e (2) pré-análise do *corpus*.

Tabela 1: Abreviações usadas na tabela 2, retiradas de Ferreira (2004)

Palavras	Abreviações
Abreviação	Abrev.
Adjetivo	Adj.
Gíria	Gir.
Prefixo	Pref.
Substantivo	Subst.
Sufixo	Suf.
Verbo	V.

Tabela 2: Seleção e pré-análise do *corpus* linguístico

Nº	Casos de neologismos	Formações por composição	Formações por derivação	Classes atuais
1.	Gangamorada	Ganga (<i>Subst.</i>) + morada (<i>nesse caso, Gir. para namorada</i>) <i>Subst.</i>) – aglutinação.	-	Substantivo
2.	Minimistério	-	Mini (<i>Pref. de pequeno</i>) + mistério (<i>Subst.</i>) – prefixação.	Substantivo
3.	Minimina	-	Mini (<i>Pref. de pequeno</i>) + mina (<i>Gir. para menina</i>) <i>Subst.</i>) – prefixação.	Adjetivo
4.	Violentidão	Violenta (<i>Adj.</i>) + lentidão (<i>Subst.</i>) - aglutinação.	-	Substantivo
5.	Parabolicamará	Parabólica (<i>Subst.</i>) + camará ⁺ [da] (<i>Adj.</i>) – aglutinação.	-	Adjetivo
6.	Viramundo	Vira (<i>V.</i>) + mundo (<i>Subst.</i>) – justaposição.	-	Adjetivo
7.	Marmundo	Mar (<i>Subst.</i>) + mundo (<i>Subst.</i>) – justaposição.	-	Substantivo
8.	Demografizada	-	Demografi ⁺ [a] (<i>Subst.</i>) + zada (<i>Suf.</i>) – sufixação.	Adjetivo
9.	Gaivotaria	-	Gaivota (<i>Subst.</i>) + ria (<i>Suf.</i>) – sufixação.	Verbo

10.	Zoilógico	Zoo (Abrev. de zoológico) + ilógico (Adj.) – aglutinação.	-	Adjetivo
-----	-----------	--	---	----------

2.3.1. Neologismo 1:

Namba, a gangamorada
(Gilberto Gil)
Namba deita pa Ganga
Olha nos olhos
[...]
Namorada de Ganga
Nambamorada
Nambamorada de Ganga
Nambamorada

No contexto musical a palavra “gangamorada”, é composta pelo vocábulo *Ganga*, que aparece como nome de pessoa, substantivo, e *morada* que aparece como uma espécie de gíria para *namorada*, substantivo. Com a junção desses substantivos surge o neologismo *gangamorada*. Sintetizando, Namba e Ganga seriam namorados, a junção entre *ganga+morada* (no título) seria entendida como “Namba, a namorada de Ganga”.

2.3.2. Neologismos 2 e 3:

Minimistério
(Gilberto Gil)
[...]
Ande por onde andam
Aquelas minas
Aquela velha gama
E aquela nova
Aquela nova minimina, flor do ministério
Quero dizer, do mistério
(Que mistério tem Clarice?)
[...]
Procure conhecer melhor
Seu ministério interior
Procure conhecer melhor
O cemitério do Caju
Procure conhecer melhor
[...]

A palavra “minimistério” é composta pelo *mini*, prefixo de pequeno, e *mistério*, substantivo. Aqui poderíamos supor que se trata do mistério envolvido no desaparecimento de várias pessoas durante a ditadura, nesse caso, em especial, o desaparecimento da “minimina, flor do ministério”, isto é, da pequena menina que poderia trabalhar em uma repartição pública (ministério). Ao usar “minimistério” o autor nos faz inferir que aos olhos dos ditadores o desaparecimento da garota era um pequeno mistério, sem importância, mas na verdade para seus amigos e família se tratava de um grande mistério. No caso de “minimina” a palavra é composta por *mini*, prefixo de pequeno, e *mina*, gíria que vem do vocábulo *menina* (substantivo).

2.3.3. Neologismo 4:

Violentidão
(Gilberto Gil)
A do ladrão é a violência bruta
Não é a mesma da televisão

Televisão é violenta
Lenta, lenta
Violentidão
[...]
E com tanta ciência
Quem nem parece ser tão violenta
A violência que sofre o freguês

No caso de “violentidão” temos uma formação por dois vocábulos formais: *violenta*, adjetivo, e *lentidão*, substantivo. Com a junção das duas palavras temos a perda de alguns elementos fonéticos transformando duas palavras distintas em apenas uma. Certamente o autor quis referir-se à “violência” transmitida, indiretamente, ao telespectador de forma lenta, gradual, através da televisão. É importante destacar que nesse caso não interpretemos como sendo uma violência física, mas sim algo parecido com uma violência ideológica. As pessoas podem ser influenciadas por programas de televisão.

2.3.4. Neologismo 5:

Parabolicamará
(Gilberto Gil)
Antes mundo era pequeno
Porque Terra era grande
Hoje mundo é muito grande
Porque Terra é pequena
Do tamanho da antena parabolicamará
Ê, volta do mundo, camará
Ê, ê, mundo dá volta, camará
[...]

“Parabolicamará” vem de *parabólica*, substantivo, e *camará*(+da), adjetivo, ou seja, uma “parabólica camarada” (amiga). Parabólica, na música, é um referente ao avanço da tecnologia e informatização da época. Com essa tecnologia a terra passaria a ser “pequena” como em um dos versos da canção: “Porque Terra é pequena”, isto é, a globalização seria trazida aos lares através do sinal analógico.

2.3.5. Neologismo 6:

Viramundo
(Gilberto Gil e Capinan)
[...]
Gritando para assustar
A coragem da inimiga
Pulando pra não ser preso
Pelas cadeias da intriga
[...]
Sou viramundo virado
Pelo mundo do sertão
Mas inda viro este mundo
Em festa, trabalho e pão
Virado será o mundo
E viramundo verão
[...]

A palavra “viramundo” é formada por *vira*, do verbo *virar*, e *mundo*, substantivo. Nesse caso, “viramundo” é referente à vontade do eu poético em transformar a situação em que a sociedade vivia no momento da ditadura. No trecho “Mas inda viro este mundo/ Em

festa, trabalho e pão”, fica clara três das necessidades básicas ao ser humano: festa (lazer), trabalho e pão (alimento), direitos estes que para muitos eram privados durante o regime militar.

2.3.6. Neologismo 7:

Marmundo

(Gilberto Gil)

O mar do mundo sujou
Manda o mundo se limpar
O mar do mundo secou
Manda o mundo se molhar
O mar do mundo entornou
Manda o mundo se fechar
O mar do mundo acabou
Manda o mundo se acabar

O mar do mundo ficou
Um mar imundo demais
Se a barra mundo pesou
O mundo sabe o que faz
[...]

Em “Marmundo” temos uma palavra formada pela união de dois substantivos *mar* e *mundo*. Nesse contexto, *mar* está relacionado a pessoas, ou uma grande quantidade de pessoas, como na expressão popular “um mar de gente” e *mundo* o lugar, a sociedade, onde elas habitam.

2.3.7. Neologismo 8:

Banda Larga Cordel

(Gilberto Gil e Capinan)

[...]
Rio Grande do Sul, Germania
Africano-ameríndio Maranhão
Banda larga mais demografizada
Ou então não, não adianta nada
Os problemas não terão solução

Piraí, Piraí, Piraí
Piraí bandalargou-se um pouquinho
Piraí infoviabilizou
Os ares do município inteirinho
Com certeza a medida provocou
Um certo vento de redemoinho
[...]

A palavra “demografizada”, formada por *demografi*(⁺*a*), substantivo, e *-zada*, sufixo, certamente, na canção, aparece com o sentido de levar a tecnologia da internet banda larga à população (demografia), isso fica evidente nos versos “Piraí bandalargou-se um pouquinho/ Piraí infoviabilizou”.

2.3.8. Neologismo 9:

A gaiyota

(Gilberto Gil)

[...]

Gaivota, te amo e gaivotaria sempre em ti
 Gaivotar seria poder te eleger para mim
 Eu te quero, e se fosse o caso, queria mais ainda
 Ser, eu mesmo, gaivota sobre mim
 Sobrevoar meus temores, meus amores
 E alcançar o alto, alto, o mais alto dos teus sonhos
 Dos teus sonhos de subir
 [...]

A formação da palavra “gaivotaria” acontece pela junção de *gaivota*, substantivo, e *-ria* sufixo. Esse neologismo surge na canção como um verbo e pelo contexto pode tratar-se de um caso em que o eu poético expressa o amor pela sua “Gaivota”, e certamente a concretização desse amor.

2.3.9. Neologismo 10:

Zoilógico
 (*Gilberto Gil e Capinan*)
 Zoológico
 Ilógico
 Logo, sou
 Zoológico
 Ilógico
 Logo, sou
 O menino que abriu a porta das feras
 No dia em que todas as famílias visitavam o Zoo
 O Zoo, o Zoo
 O Zoo, o Zoo
 O Zoo
 [...]

E por final, “zoilógico” é formada por *zoo*, abreviação de *zoológico*, que nesse caso perde a última vogal pela aglutinação das palavras, e *ilógico*, adjetivo. *Zoilógico* estaria aqui representando um “zoológico ilógico”, ou seja, um zoológico sem lógica, no sentido de que pessoas estariam presas por grades como animais irracionais.

Sobre a análise das canções, é imprescindível mencionar que por se tratar de, em sua maioria, músicas com letras muito extensas, buscamos interpretar apenas o fragmento que o neologismo aparece. Se levamos em consideração uma análise feita das letras de forma integral tenhamos interpretações mais amplas, complexas e contextualizadas.

3. Considerações finais

As músicas populares brasileiras, na sua maioria, têm letras compostas de uma riqueza semântico-lexical. A composição dessas letras é uma forma de “brincar” com todas as possibilidades que a língua oferece e entre elas o neologismo que nos concede a possibilidade de criar e reinventar a língua. O neologismo musical pode nos fornecer informações sobre uma sociedade em determinado momento histórico-social, como é o caso do neologismo nas canções de Gil, que nos faz conhecedores de seu engajamento político-social contra a opressão causada pelo regime militar.

A lexicalização por neologismo, apresentada nas canções mencionadas, nos mostra a capacidade de Gil em juntar palavras que, se vistas separadamente, não têm nenhuma relação lexical ou semântica, mas que em sua criação poética, contextualizada, ganham forma e sentido. É isso que enfatiza Antunes:

[...]se cada texto, em alguma medida, cria sua própria coerência, no texto literário, essa possibilidade é levada ao cúmulo. Nele, as unidades linguísticas ganham autonomia de uso e de combinação; perdem [...] a subserviência a padrões impostos pelas convenções do sistema. São peças de um jogo (ou de jogos), cujas regras particulares se criam no próprio ato da enunciação, exatamente pela quebra do que era regularmente previsível. (ANTUNES, 2012, p. 125).

Com este trabalho, percebemos a complexidade do fenômeno de formação de palavras e que a língua como sistema dinâmico que muda, renova-se para atender as necessidades de seus falantes e essa necessidade está presente também em canções, tendo como princípio que a música é uma forma de expressão de um indivíduo.

No caso da análise em algumas das músicas de Gilberto Gil, observou-se dois vocábulos formados pelo processo de derivação prefixal, dois por derivação sufixal e seis por composição, sendo quatro por aglutinação e duas por justaposição. Notamos também que o músico sempre coloca os neologismos por aglutinação nos títulos de suas canções dando ênfase a nova palavra.

Vale ressaltar que o resultado constatado nesta pesquisa, assim como em qualquer trabalho, não pode ser tomado como verdade absoluta, no entanto, serve como base para uma análise posterior com uma avaliação mais abrangente de outras músicas do artista.

4. Referências

- ALVES, I. M. *Neologismos: Criação lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- ANTUNES, I. *Território das palavras: O estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 119-134.
- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 351.
- BRYAN, G. Outras palavras: sucesso recente de canções como “Shimbalaiê” mostra o poder da MPB de criar palavras que não existem. *Revista Língua Portuguesa*. ano 4, n. 55. São Paulo: Segmento, 2010. p. 15-22.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p.113-114.
- COSTA, A. C.; OLIVEIRA FILHO, C. G.; MAIA, F. L. *Neologismo na música popular brasileira: com defeito de fabricação, Tom Zé*. Disponível em: <<http://www.revistaaopedaletra.net/>>. Acesso em: 31 mar. 13.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007. p. 97-131.
- FERRAZ, A. P. *Neologismos no português brasileiro contemporâneo: aplicação ao ensino de português para estrangeiros*. Disponível em: <<http://iberystyka-uw.home.pl/>>. Acesso em: 31 mar. 13.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- GIL, G. *Músicas*. Disponível em: <<http://www.gilbertogil.com.br/>>. Acesso em: 31 mar. 13.
- HORÁCIO. “Arte poética”. In: *As poéticas clássicas*. Trad. Direta do latim de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 53-68.
- MARTELOTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. vol. 1. São Paulo: Cortez, 2011. p. 91-123.
- NUNES, R. Qual a diferença entre neologismo e estrangeirismo? *Revista Nova Escola*. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/>>. Acesso em: 06 abr. 13.